

**A QUALIDADE E A PERSISTÊNCIA DAS AQUISIÇÕES IDENTITÁRIAS
DOS ASSISTENTES SOCIAIS EM PORTUGAL**

Maria de Lurdes Fonseca

ISCSP-UTL

Rute Roda

FP-UL

1. CONTEXTUALIZANDO O PROBLEMA

1.1. Introdução

Dir-nos-á a economia que um mundo de recursos escassos é necessariamente um mundo de escolhas, isto é, um mundo alinhavado em torno da irreduzível necessidade da concessão ante o custo de oportunidade. Assim é, de facto, e a ciência, parte do mundo, não é naturalmente imune a esse natural estado de coisas. Em ciência, aliás, o drama que a escassez implica agudiza-se desde logo pelo gigantismo da empreitada auto-proposta – naturalmente, quanto maior o caminho que medeia entre um princípio e um fim, mais se manifestará o custo da concessão por efeito de acumulação através do articulado que concretiza o meio, simplesmente porque não haverá como limitar em projetos longos e ambiciosos a multiplicação da necessidade da escolha. Fossemos todos génios, possuidores de tempo ilimitado, de capacidades perenes e de recursos infinitos e a escolha não se poria. Como não é esse o caso, a necessidade da escolha e da seleção de uma metodologia para a sua realização colocou-se, coloca-se e tem efeitos não dispendiosos na atividade científica.

A escolha mais essencial da ciência, num mundo que é o da escassez e o do compromisso, é aquela que se desenha na alternativa entre generalização e especialização. Na senda de conquistar o desconhecido, a ciência não deixou nunca de almejar ao pleno: à especialização na especialidade e à especialização na generalidade, como caminho para, no (re)encontro de ambas, verdadeiramente conhecer. Contudo, por melhores que sejam os intuitos, demasiadas vezes as práticas se vêem aquém deles. E o princípio *divide et impera* tem custos gerais, como os da tendência para a compartimentalização ou para o oposicionismo, assim como custos particulares, em especial para algumas temáticas como aquelas que melhor se acomodam nas fronteiras das especialidades ou na transversalidade através delas, e que, conseqüentemente, ao posicionarem-se em “território de ninguém” ou em território especialmente propício ao conflito (e à acrescida complexidade), sofrem tanto da tendência à desvalorização como do risco incrementado de inadequado tratamento teórico.

Seria especialmente eficaz o princípio de “dividir para conquistar” se, à semelhança da empreitada guerreira, fosse a ciência um empreendimento direti-

vo, global, homoganeamente regulado e transversalmente hierarquizado. Nesse caso, as suas escolhas, necessárias, ganhariam o potencial maior de tenderem quer para a maximização da racionalidade e da coerência, quer para fazer revelar economias nos custos associados à escassez, o que não deixaria de contribuir de modo mais expedito, eficiente e eficaz para o alcance do objetivo em última instância visado: encurtar o caminho que eventualmente conduzirá à realização cabal do conhecimento.

De facto, verificamos que a especialização fez e faz-se em ciência mais ao sabor do contexto histórico, da oportunidade teórica e do interesse pontual (muitas vezes claramente egoísta), que ao sabor do que seriam os interesses unificados e potencialmente unificantes, a que a especialização, que tem o intuito final da reunião globalizante, deveria estar indelevelmente subordinada.

Nalguns casos, naturalmente, por motivos intrínsecos e/ou contextuais, os custos de uma irracional especialização são muito maiores que noutros. Em Sociologia, poucas questões são tão afetadas negativamente pela dispersão dos princípios da escolha especializadora e pela atomização das práticas da especialização que a sociologia das questões laborais. Neste caso, tradições teóricas de base muito distintas, especificidades socioculturais muito significativas, particularismos sociolinguísticos relevantes, conceptualizações político-administrativas particulares e até interesses emancipatórios sociais privados, conduziram facilmente a uma multiplicação especialmente ampla de especialidades dedicadas a tratar exatamente as mesmas temáticas, o que não deixou de atrasar o avanço no seu entendimento.

Ora, naturalmente esse panorama traçado ao nível das especialidades sociológicas laborais não deixou de acarretar consequências para o estudo das diversas temáticas laborais especializadas, a análise das identidades profissionais incluída.

O estudo da identidade profissional, de facto, foi vítima nessa esteira da irracionalidade especializadora, por duas razões essenciais: porque a sua integridade ontológica saiu comprometida pelo arranjo especial das disciplinas que lhe são afins, isto é, porque a sua unidade resultou fragmentada do mosaico de interesses e contextos particulares que caracterizaram cada especialidade proposta, e porque as lógicas socio-históricas do desenvolvimento das disciplinas especializadas científicas e a distinção dos seus carizes teóricos e aplicados, têm contribuído para uma especial dispersão de esforços analíticos. Depois, ao ser uma temática de qualidade especialmente transfronteiriça, isto é, especialmente talhada para a necessidade da interdisciplinaridade e da interespecialização, não deixou também de ser afetada por um atraso teórico e empírico especialmente relevante face a temáticas laborais mais facilmente acomodáveis à especialização efetivamente traçada.

1.2. Os enclaves da análise sociológica laboral e as consequência para o estudo identitário profissional

Começemos por analisar a razão mais ampla que vitimou a análise sociológica da identidade profissional: a fragmentação das especializações laborais em Sociologia, isto é, a fragmentação institucional do enquadramento científico que analisou o problema.

São duas, ou melhor quatro, se olharmos com maior especificidade, as principais tradições analíticas da análise sociológica laboral que interessam destacar a propósito da temática específica que nos ocupa. Duas: a de inspiração anglosaxónica e a de inspiração europeia (de facto europeia continental polarizada em França). Quatro: duas que se enquadram na primeira inspiração: a Sociologia Industrial e a Sociologia das Profissões, e duas que se enquadram na segunda: a Sociologia do Trabalho e o que chamaremos de Accionalismo “Idealista” (também chamado de pós-marxista). Desenvolveram-se estas quatro contrapondo-se a par, cada uma na sua margem do Atlântico e no seu tempo específico: a Sociologia Industrial americana anteposta à do Trabalho francesa (essencialmente no segundo quartel do século XX) e a Sociologia das Profissões americana anteposta ao Accionalismo “Idealista” francês (particularmente no terceiro quartel do século XX).

Mais recentemente, com especial interesse para a análise da identidade profissional, há a destacar o desenvolvimento do que baptizámos como um Microculturalismo laboral traduzido nas incursões mais recentes (e influentes) da sociologia laboral francesa e que se tem procurado unificar à Sociologia das Profissões que não cessou de florescer desde a sua fundação funcionalista parsoniana (no início dos anos 30 do século passado). Trata-se das correntes que coexistem hoje como referenciais fundamentais da análise da identidade profissional e que assim se posicionaram desde a última década do século XX.

Será fácil entender a que nos referirmos quando falamos das quatro escolas citadas e ao Microculturalismo laboral que acrescentámos, se identificarmos as suas lideranças principais: Sociologia Industrial herdeira de Adam Smith, Charles Babbage, Frederick Winslow Taylor e Jules Henri Fayol, polarizada em Elton Mayo; Sociologia do Trabalho herdeira de Karl Marx e Pierre-Joseph Proudhon e de um pendor historicista economicista, aberta em especial pelo *Traité* (1961-2) de Georges Friedmann e Pierre Naville; Sociologia das Profissões fundada nas escolas clássicas de Talcott Parsons e Everett Cherrington Hughes e amadurecida em especial no triângulo Eliot Freidson, Magali Sarfatti Larson e Andrew Abbott; e Accionalismo “Idealista” polarizado em torno da influência determinante de Alain Touraine na sociologia francesa renascida do pós-Segunda Guerra Mundial. Por fim, é a escola de inspiração culturalista de Claude Dubar (pontualmente com Pierre Tripier), fortemente inspirada no seu culturalismo em Renaud Sainsaulieu e realizada em torno de uma interpretação particular, qualitativa e etnobiográfica da *grounded theory*, que referimos na essência, quando falamos em Microculturalismo laboral. Naturalmente deixamos de fora vultos importan-

tes da análise sociológica laboral e outros que a influenciaram no âmbito das suas construções provenientes de outras especializações (como George Herbert Mead, Erving Goffman, Pierre Bourdieu ou Jürgen Habermas), mas não contributos determinantes para a análise especializada da temática que neste momento nos ocupa, cremos.

É curioso constatar que uma sociologia continental europeia que sempre tendeu para a macrosociologia é hoje a principal representante da microsociologia laboral (o que não passa sem crítica interna - cf. Gaulejac, 2001), quando a sua contraparte além-Atlântico se movimenta hoje no sentido de um cada vez maior alcance em escopo, ainda que se mantenha essencialmente mesossociológica, por ser exatamente isso que, tipicamente, a Sociologia das Profissões de hoje é.

Porque dizemos ser esta história um obstáculo? Pela especial fragmentação das análises da identidade profissional que levaram a estudos dificilmente intercomunicantes, claramente circunscritos e pouco ou nada sinérgicos, porque enraizados em pressupostos, interesses e pendores demasiado contrastantes. O quadro abaixo explica essa fragmentação:

Tradição	Liderança principal	Tónica	Pendor
Sociologia da Indústria	Mayo	Mesosocial (de tendência micro)	Orientação economicista, racionalizadora.
Sociologia do Trabalho	Friedmann	Mesosocial (de tendência macro)	Orientação positivista, de determinismo tecnológico.
Sociologia das Profissões	Freidson	Mesosocial	Pendor sistemático, político e operativo coletivo.
Accionalismo "ideológico"	Touraine	Macrossocial	Ideológico, de economia política.
Microculturalismo laboral	Dubar	Microsocial	Pendor culturalista, etno-gráfico, fenomenológico.

Tradição	Identidade profissional	Identidade conflitual identitária
Sociologia da Indústria	Negociada	Não. Identidade decorrente da complementaridade no sistema produtivo.
Sociologia do Trabalho	Herdada	Não. Identidade herdada do contexto emergente do condicionante tecnológico.
Sociologia das Profissões	Negociada	Sim. Identidade negociada com o Estado, o cliente e as restantes profissões.
Accionalismo "ideológico"	Herdada	Sim. Identidade decorrente da qualidade conflitual social pós-industrialista.
Microculturalismo laboral	Construída	Sim. Identidade deriva do contraste intra-profissional e do contexto pessoal.

Quadro 1. Caracterização das Tradições Sociológicas Laborais.

Ora, o facto é que pouco se tem feito em sociologia laboral para unificar estas tradições e só acresce à complexidade da questão a qualidade particularmente transfronteiriça da problemática por referência ao arranjo atual da especialização científica, o que redundará na circunstância de a este "retalho" sociológico laboral podermos (e devermos) ainda adicionar o "retalho" psicológico e psicossociológico, bem como o proveniente da Sociologia da Educação.

Tradição	Conceitos essenciais	Intuito analítico	Dimensionalidade	Fases do ciclo	Metodologias privilegiadas
Sociologia das Profissões	Profissionalização, Jurisdição, Projeto Profissional.	Identidade profissional como meio.	Tendência unificadora – identidade (do grupo).	Aquisição	Quali-Quantitativas. Inquirição e Análise Documental. Análise Estatística e de Conteúdo.
Microculturalismo laboral.	Formação Contínua, Socialização.	Identidade profissional como fim.	Tendência dispersiva – identidades (dos subgrupos e indivíduos).	Desenvolvimento	Qualitativas. Etnobiografia e Análise de Conteúdo.

Quadro 2. Tónicas dominantes da análise contemporânea da Identidade profissional.

Depois, como referimos, outra razão mais circunscrita vitimou a análise sociológica da identidade profissional. Trata-se da fragmentação do objeto interna às próprias tradições. Em Sociologia, no que respeita à análise das identidades profissionais, estamos hoje perante duas tradições maioritárias que possuem intuítos, fins, princípios e racionais muito seus (Quadro 2), e que se têm aplicado pouco no uso intensivo de referenciais externos.

A Sociologia das Profissões tem analisado a identidade profissional centrando-se essencialmente no seu significado instrumental para a análise da profissionalização, centrando-se em: 1) microprofissionalização entendida como processo aquisitivo de uma identidade profissional (identificada com o período formativo), condição necessária para o acesso à profissão e para a congruência e unidade grupal desta; 2) profissionalização como culturalmente condicionada, dado que o projeto profissional (Larson, 1977) só terá capacidade de ter sucesso mediante a evolução coletiva das práticas e a unificação sub-cultural do grupo. Na Sociologia das Profissões, estudar identidade profissional tem pois sido mais estudar as condições de algo (em sentido estratégico) que estudar esse algo objetivamente. De facto, a Sociologia das Profissões tem dado privilégio ao estudo da identidade profissional (por estar longe dos seus intentos essenciais) como algo demasiadamente linear: algo que se adquire nas escolas e se mantém e que, se evoluindo pontualmente, progredirá em conjunto com o sistema escolar encimado que este é, tipicamente, pela elite da própria profissão. Deste modo, a Sociologia das Profissões tem dado menos destaque à variação da identidade profissional no âmbi-

to da profissão quando não em grupos específicos, estratégicos para a autonomia profissional e para a explicação da concorrência que lhe é interna, geralmente os formativos. Tem também dado menos destaque à análise da identidade pós-aquisição, nomeadamente no modo como esta evolui em fases específicas do ciclo de vida profissional, dado que de certo modo a identidade profissional não é mais que aquisição a validar quando se exercem os processos de *gatekeeping*, ou algo a sedimentar e assegurar por representar unidade, congruência e homogeneidade, condição essencial de sucesso na negociação de prerrogativas no âmbito do sistema profissional.

Por seu turno, o Microculturalismo laboral tem-se centrado mais no profissional e na interligação da evolução identitária com a formação ao longo da vida, que no estudo dos processos aquisitivos dessa identidade e sua articulação com a evolução posterior. Igualmente tem desconsiderado a análise da identidade como elemento do sistema profissional mais vasto e instrumento essencial na evolução da qualidade profissional de uma ocupação.

E a metodologia? Bem, a intercomunicabilidade metodológica do estudo da identidade profissional realizado por ambas as tradições, tem sido especialmente preocupante. O Microculturalismo laboral é qualitativo e etnográfico e essencialmente inamovível nesse seu posicionamento, tendo a Sociologia das Profissões usado antes um referencial muito mais dominante em metodologia sociológica (aquilo que Dubar chamaria “sociologia clássica”), baseando-se na análise quali-quantitativa e na inquirição social.

Na sequência do que foi dito é de destacar que: 1) a sociologia da identidade profissional carece hoje, essencialmente, de uma interpretação macrosociológica, abandonados que foram os referenciais clássicos que nesse sentido poderiam prover; 2) na ausência do interesse específico do tema para a Sociologia das Profissões que se tem manifestado na secundarização do mesmo, a própria dimensão mesossociológica da análise da identidade profissional tem sido limitadamente intentada e teoricamente pouco desenvolvida; 3) a persistência de uma visão etnográfica do fenómeno tem limitado a variação metodológica e condicionado a capacidade de extrapolação dos dados; 4) sistematicamente tem sido teorica e metodologicamente apartada a fase da aquisição identitária profissional inicial (a fase pré-profissional) da análise da qualidade identitária profissional, deixando-se às especialidades educacionais a análise da primeira e às especialidades laborais a análise da segunda, o que, aberrante, desde logo sob o ponto de vista da Sociologia das Profissões ou da Educação, não tem parecido especialmente aberrante ao Microculturalismo laboral.

1.3. A análise da identidade profissional dos Assistentes Sociais portugueses

Em Portugal os estudos que se têm debruçado sobre a identidade profissional têm sido formatados genericamente na mesma forma que se tem usado para a análise do caso dos Assistentes Sociais. A tradição da Sociologia das Profissões

tem sido usada apenas pontualmente no âmbito dos estudos identitários profissionais, desde logo porque essa tradição serviu mais para a análise lata do projeto profissional (isto é, o lugar atual e a evolução próxima passada e futura da profissionalização grupal ou ocupacional, isto é mesossocial), tendo-se demasiadas vezes decurado os aspetos identitários desbloqueadores da ascensão social coletiva.

Tradição	Centros	Estudos paradigmáticos	Temáticas
Dominante Sociologia das Profissões	CESSS-UCP	Francisco Branco (2009)	Nível de sedimentação da identidade e impactos no estado do projeto profissional
Dominante Microculturalismo laboral.	Cied-UM, FP(CE)-UL, IPL	Ana Maria Costa e Silva (2001), Cristóvão Margarido e Ricardo Vieira (2007), Isabel Passarinho (2008, 2009)	Registo e interpretação das identidades individuais e sub-grupais dos Assistentes Sociais

Quadro 3. Classificação dos enquadramentos teóricos dominantes dos investigadores nacionais da Identidade profissional dos Assistentes Sociais.

A dominante do Microculturalismo laboral tem sido claramente maioritária e tem gerado uma análise quase exclusivamente microsociológica da identidade profissional que, naturalmente, não pode ser senão insuficiente, por mais interessante e rica que tenha sido – e foi.

No caso do Serviço Social destaca-se o trabalho de investigação desenvolvido no âmbito da Universidade Católica Portuguesa (CSSSS) como principal representante da dominante Sociologia das Profissões, e o trabalho desenvolvido na Universidade do Minho (Cied), no Instituto Politécnico de Leiria (Ciid) e na Universidade de Lisboa (FP(CE)).

De facto, se fôssemos mais rigorosos, deveríamos deixar em branco o trabalho realizado em torno da dominante Sociologia das Profissões, pois salvo alusões pontuais e inacabadas (feitas também por outros preocupados com a profissionalização do Serviço Social em Portugal), pouco se tem tratado a questão identitária no âmbito das análises da profissionalização do Serviço Social português (como faz por exemplo Welbourne, 2009, ainda que se refira mais ao conceito de cultura profissional que de identidade).

As análises inspiradas essencialmente na dominante do Microculturalismo laboral têm chegado a resultados interessantes, ricos, mas circunscritos e, naturalmente, muito pouco extrapoláveis. Deve dizer-se aliás que essas análises são ainda bastante os prolegómenos de algo, pois não chegam verdadeiramente nunca a propor traços específicos que possam atribuir conteúdo à definição identi-

tária dos Assistentes Sociais, dado que se focam muito mais na hermenêutica do processo identitário que na empiria da identidade.

2. ESPECIFICANDO A ABORDAGEM

2.1. Estratégia investigativa

E se o mundo é o da escassez; e se a escassez constrange a escolha; e se a escolha implica custos, custos associados quer à metodologia usada para escolher, quer àquilo que se escolhe, fará sentido no caso da ciência não apenas entender como a constrange a especialização científica, mas também pontualmente contribuir para uma desconstrução do ordenamento usado como referencial, por forma a tentar limitar o impacto das perdas associadas à posição assumida, usando de orientações mais ecléticas.

O nosso estudo bebe pois da tradição da Sociologia das Profissões no seu cariz eminentemente mesossociológico, na sua dimensionalidade tendencialmente unificadora e na sua metodologia quantitativa. Bebe por outro lado do Microculturalismo cultural no seu sentido menos estratégico que caracterizador, menos instrumental que objetivo e na conceptualização ampla dos processos tomados como definindo a construção da identidade.

Centra-se tanto na fase aquisitiva como do desenvolvimento identitário, analisando pois a identidade através de uma perspectiva de evolução ao longo do seu ciclo de vida.

O estudo assume os seguintes pressupostos centrais: 1) a identidade é algo pessoal e social que se cria e evolui através de um processo transaccional contínuo (Dubar, 1997), sendo possível hipotetizar contudo, com a Sociologia das Profissões, que a aquisição identitária é a fase mais determinante desse seu ciclo de vida (Freidson, 1986); 2) a identidade reporta-se a tomadas de posição relativas a todas as instâncias do sistema profissional e a inferências transaccionais no âmbito desse sistema: o profissional, a profissão, as profissões concorrentes, o cliente, o Estado e a sociedade em geral (seguindo o esquema de Abbott, 1988); 3) podemos identificar um momento crítico para a mensuração identitária: a fase de transição entre a aquisição e a “utilização” que se identifica com o ingresso na profissão (momento de operacionalização do *gatekeeping* – Freidson, 1986) e constitui uma *baseline* progressiva ou retroativa para ambas as fases.

Este estudo tem as seguintes limitações essenciais: 1) analisa identidade apenas através da auto-avaliação identitária, seguindo a metodologia de Dubar (1997, 1992, 1998); 2) desconsidera as especificidades biográficas do estabelecimento e evolução da identidade; 3) ao ser *cross-section* concretiza-se numa análise evolutiva imperfeita que, especialmente no caso de uma ocupação de expansão recente em Portugal, pode tornar a análise sensível a processos socio-históricos particulares, perturbando a medição final ao medir também algo que

não se pretende medir.

O estudo tem um objetivo geral: caracterizar a identidade profissional dos Assistente Sociais isto é, dar um conteúdo a essa identidade. Tem também um objetivo particular: testar a hipótese de que a qualidade identitária profissional resulta de um processo continuado no âmbito do qual a aquisição é uma fase perfeitamente semelhante às restantes, bem menos determinante do que, especialmente a Sociologia das Profissões e da Educação têm pressuposto. Esta hipótese instrumentaliza-se através do conceito operativo, valorativamente neutro, que propomos, de “retrocesso identitário profissional”. Assume-se que a relevância da fase aquisitiva face à(s) restante(s) será tão maior quanto menor for o nível de retrocesso no padrão identitário da fase profissional face ao estabelecido na fase pré-profissional.

O conceito de identidade profissional é neste estudo operacionalizado em três grupos de dimensões: a) dominante da interpretação da identidade profissional própria (EU); b) dominante da interpretação dos princípios e capacidades nucleares da profissão (NÓS); c) imagem detida acerca do cliente (ELES). Excluimos propositadamente dado o limite deste artigo as outras instâncias que corporizam o sistema profissional, ainda que o estudo mais vasto desenvolvido as considere.

O estudo é de tipo *cross section*, isto é, na impossibilidade de ser longitudinal em sentido puro – acompanhando uma amostra ao longo da totalidade do seu percurso formativo e profissional (44 anos, em média), colhe amostras de diversos indivíduos posicionados atualmente em fases diferentes do percurso.

Estabeleceu-se uma *baseline* analítica que avalia a situação identitária dos indivíduos que acabaram de se licenciar (identificados como 4º ano, dado que a inquirição ocorreu após o fim do 7º semestre dos cursos) e os que se licenciaram há menos de um ano e não tiveram ainda nenhuma experiência profissional específica, e que é usada para comparações a montante: o que estabeleceu a especificidade identitária padrão adquirida pelos recém-graduados e manifestada na *baseline*, e usada para comparações a jusante: como evoluiu a identidade consoante grupos sucessivos de antiguidade da experiência profissional até à reforma. Na *baseline* busca-se identificar um núcleo identitário duro, traduzido nas aquisições mais relevantes e homogéneas da evolução dos percursos formativos do seu momento inicial ao final. Dependendo do modo como esse núcleo duro evoluirá assim se analisará a importância mais ou menos determinante da aquisição inicial na padronização dos constantes identitários ao longo da evolução na carreira.

2.2. Métodos e técnicas de investigação

A metodologia, quantitativa, recorreu à técnica de inquirição por questionário. Visaram-se todos os estudantes de Serviço Social portugueses e todos os

Assistentes Sociais. A inquirição decorreu entre Abril e Junho de 2011.

Os estudantes de Serviço Social foram inquiridos presencialmente sempre que se obteve autorização para tal junto das Escolas que ministram a licenciatura, o que ocorreu no caso da Universidade de Coimbra, da Universidade Técnica de Lisboa, do Instituto Superior de Serviço Social do Porto e do Instituto Politécnico de Beja. Inquiriram-se em sala de aula alunos dos 1º, 2º e 3º ano. Os alunos do 4º ano e alunos ausentes foram inquiridos eletronicamente usando das facilidades oferecidas pelas escolas e pela divulgação inter-pares. Em relação às restantes escolas praticou-se a inquirição eletrónica facilitada pelas Direções dos Cursos, pelos órgãos representativos dos alunos e por divulgação inter-pares. Foi possível assim obter a participação de alunos de todas as escolas onde esta formação inicial se oferece.

Os licenciados em Serviço Social foram inquiridos com recurso à preciosa colaboração da APSS – Associação de Profissionais de Serviço Social, que se dispôs a divulgar o estudo e a apelar à colaboração junto dos seus associados. Adicionalmente foram contactados grupos de Assistentes Sociais presentes nas redes sociais, IPSS e Organismos públicos caracterizados pela presença relevante de profissionais da área, bem como solicitada em geral a divulgação inter-pares.

No caso dos alunos, registou-se aproximadamente 57% de inquiridos presenciais e 43% de não presenciais. No caso dos Assistentes Sociais 100% da inquirição foi eletrónica.

O peso da inquirição eletrónica obrigou a que fossem tomadas medidas rigorosas de verificação da efetiva identidade dos respondentes, não obstante o controlo do acesso à resposta. Assim, foram desconsideradas as respostas que não deixaram pelo menos uma via de contacto para eventual validação e testaram-se uma em cada três inquirições eletrónicas através de verificação por telefone e/ou e-mail da efetiva qualidade do respondente.

2.3. Apresentação da amostra

Foram inquiridos e posteriormente validados os questionários de 605 estudantes e 659 Assistentes Sociais de todos os distritos, alunos e graduados de todas as Escolas onde o curso é e foi ministrado (Anexo 1).

Tendo em conta a dimensão de Assistentes Sociais registados como em atividade no Ministério do Trabalho (último ano disponível 2009) 3.953 e não obstante a sua subvalorização em face das situações profissionais precárias ou inexistentes na especificidade, podemos ainda assim ter esse número como indicativo (na ausência de outro) e a partir dele indicar um erro global, para um intervalo de confiança de 95% de 3,5%.

Quanto aos estudantes, se usarmos como referencial os *numeros clausus* do ano passado e os multiplicarmos por quatro (um para cada ano letivo), reportar-nos-emos a um universo anual de cerca de 3244 estudantes de Ser-

viço Social o que, embora seja sobrevalorizado pelas perdas anuais é impossível imediatamente refinar na inexistência de dados de desistências, transferências e de insucesso escolar. A mecânica especial da contabilização do erro estatístico torna isso contudo essencialmente irrelevante. Dada a nossa dimensão amostral teremos um erro de 3,6% se considerarmos um universo de 3244 estudantes mas, como reduzir o universo só melhorará o erro, acrescentamos apenas que um decréscimo no universo estimado em 50% baixar-nos-ia o erro para 3,2%. É pois prudente aceitar que no caso dos alunos o nosso erro real estará provavelmente entre os 3,6% e os 3,2%, ambos erros extremamente baixos. Se consideramos estudantes e profissionais no seu todo, aliás, o erro descerá para 2,5% para o mesmo intervalo de confiança.

A amostra distribuiu-se pelos momentos do percurso pré-profissional, pela *baseline* e por níveis de antiguidade profissional crescentes do seguinte modo: 197 alunos do 1º ano, 181 alunos do 2º ano, 165 alunos do 3º ano, 123 alunos na *baseline*, 150 indivíduos até 2 anos de experiência profissional, 171 indivíduos de 3 a 6 anos de experiência profissional, 80 de 7 a 10 anos, 85 de 11 a 15 anos, 42 de 16 a 20 anos, 42 de 21 a 30 anos e 10 de 31 a 40 anos.

Os atributos identitários avaliados e o modo como eles se agrupam nos eixos analíticos considerados está retratado na imagem seguinte:

EU - Atributos/ Eixos	ELES - Atributos/ Eixos
Técnico (1), Cientista (1), Educador (4), Inter-ventor (3), Gestor (2), Facilitador (4), Cuidador (4), Especialista (1), Dinamizador (3), Burocrata (2), Animador (3), Investigador (1), Empreendedor (3), Humanista (4), Profissional (1), Organizador (3), Político (2), Administrativo (2), Coordenador (2), Conciliador (4)	a) Necessitados, b) Clientes, c) Amigos, d) Utentes, e) Familiares, f) Beneficiários, g) Excluídos, h) Desafiados, i) Cidadãos, j) Contribuintes, k) Companheiros, l) Explorados, m) Parceiros, n) Pessoas comuns, o) Desafortunados, p) Doentes, q) Requerentes, r) Fragilizados, s) Ajudados, t) Esquecidos
<i>EIXOS: (1) Técnico-Científico, (2) Político-Administrativo, (3) Dinamizador, (4) Cuidador</i>	<i>EIXOS: (1) Administrativo-Funcional, (2) Emotivo-Pessoal, (3) Integrados, (4) Excluídos</i>

NÓS Valores - Atributos/ Eixos	NÓS Capacidades - Atributos/ Eixos
a) Justiça na ação, b) Igualdade no tratamento, c) Profissionalismo na conduta, d) Responsabilidade na ação, e) Lealdade institucional, f) Respeito pela diferença, g) Orientação altruísta, h) Dedicção ao cliente, i) Orientação para os fracos, j) Transparência na ação, k) Compaixão na relação, l) Orientação empática, m) Respeito pela privacidade, n) Atualização técnica constante, o) Cooperação institucional, p) Motivação para a mudança, q) Orientação solidária, r) Empenho na ação, s) Compromisso com a verdade, t) Respeito pelo outro	a) Conhecer as leis, b) Entender as pessoas, c) Acompanhar os casos, d) Instruir os processos, e) Comunicar com eficácia, f) Aplicar as técnicas, g) Agir interdisciplinarmente, h) Ter iniciativa, i) Trabalhar em grupo, j) Fomentar parcerias, k) Conhecer as culturas, l) Identificar os bloqueios, m) Conhecer a política pública, n) Incentivar à autonomia o) Conhecer a teoria, p) Fazer formação contínua, q) Saber diagnosticar a situação, r) Dinamizar as vontades, s) Fomentar a responsabilização, t) Realizar o aconselhamento
<i>EIXOS: (1) Relação Cliente, (2) Princípios, (3) Funcional, (4) Orientação</i>	<i>EIXOS: (1) Formação, (2) Relação, (3) Instrução, (4) Ação</i>

Quadro 4. Atributos identitários e sua organização em eixos analíticos.

3. RESULTADOS DO ESTUDO

3.1. Eu: interpretação dominante da identidade própria

No que se refere à identidade profissional própria, verifica-se um processo de aquisição no período de formação pré-profissional, relativamente a 4 papéis (Gráfico 1):

- Interventor, que ascende da identificação por 65,5% dos alunos do 1º ano e 56,9% dos do 2º ano, para 69,1% dos inquiridos na *baseline*;
- Dinamizador, que ascende da identificação por 42,1% dos alunos do 1º ano e 39,8% dos do 2º ano, para 51,2% dos inquiridos na *baseline*;
- Empreendedor, que ascende da identificação por 13,7% dos alunos do 1º ano e 23,2% dos do 2º ano, para 40,7% dos inquiridos na *baseline*;
- Facilitador, que ascende da identificação por 10,7% dos alunos do 1º ano e 22,7% dos do 2º ano, para 30,1% dos inquiridos na *baseline*.

Considerando a prevalência da importância destes papéis ao longo da carreira de Assistente Social, fazem parte do núcleo duro identitário, composto por

aqueles traços que se adquirem na fase pré-profissional e pressistem ao longo da carreira os papéis do Empreendedor e Dinamizador do Eixo Dinamizador e o papel de “Facilitador, do Eixo Cuidador:

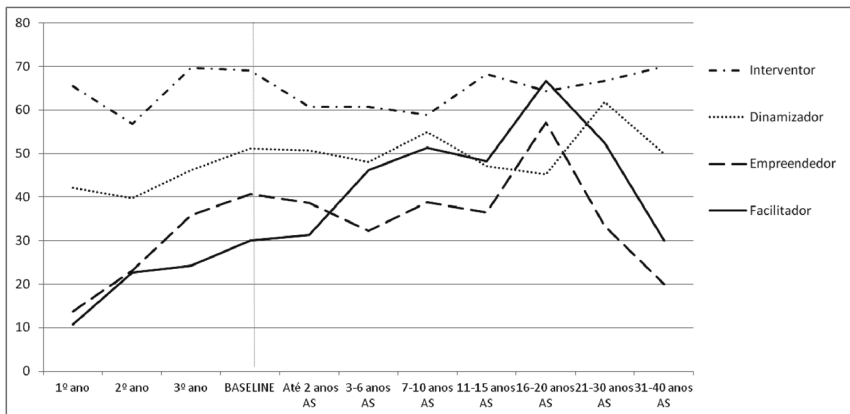


Gráfico 1. Aquisições identitárias da fase pré-profissional (EU).

- Empreendedor - importância mantém-se até aos 11-15 anos de carreira (32,2%-38,7%), ascendendo nos 16-20 anos (57,1%) e decrescendo abaixo da *baseline*, nos 21-30 anos (33,3%) e 31-40 anos (20,0%);
- Dinamizador - importância mantém-se ao longo da carreira (45,2%-50,0%), com uma ascendência aos 21-30 anos (61,9%).
- Facilitador - importância ascende até aos 10-16 anos de carreira (66,7%), decrescendo dos 21-30 anos (52,4%) aos 31-40 anos (30,0%)

Não se inclui no núcleo duro o papel de Interventor, na medida em que revela um retrocesso de importância entre o início e os 7-10 anos de carreira (60,8%-58,8%), revelando uma manutenção de importância similar à da *baseline* somente a partir dos 11-15 anos (64,3%-70,0%).

Relativamente à evolução da importância dos presentes papéis ao longo da carreira, a leitura do Gráfico 1, realça que:

- os 16-20 anos de carreira são um ponto de inversão de importância para os papéis de Facilitador e Empreendedor, que descem respetivamente de 66,7% para 30,0% e de 57,1% para 20,0% nos 31-40 anos de carreira;
- os 7-10 anos de carreira são um ponto de inversão de importância para o papel de Interventor, que ascende de 58,8% para 70,0% nos 31-40 anos de carreira.

Relativamente a retrocessos identitários na identidade profissional própria (Gráfico 2), por efeito da aquisição pré-profissional, verifica-se a atenuação da importância de 5 papéis:

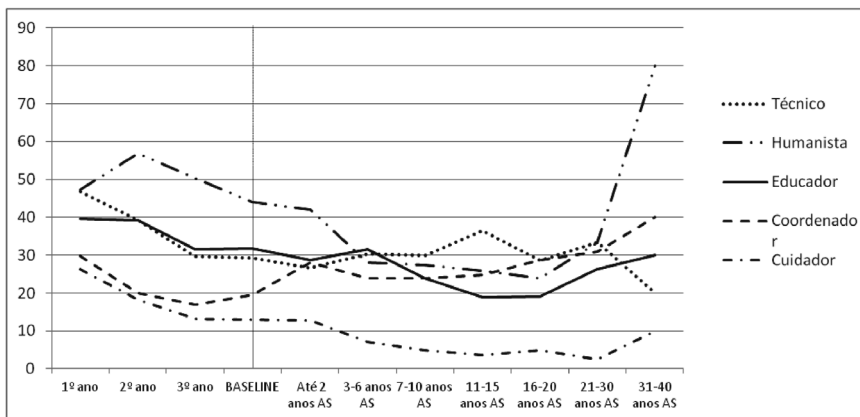


Gráfico 2: Retrocessos identitários da fase pré-profissional (EU).

- Técnico, que regride da identificação por 46,7% dos alunos do 1º ano e 39,2% dos do 2º ano, para 29,3% dos inquiridos na *baseline*, apresentando uma manutenção desde o início de carreira até aos 21-30 anos (26,7%-33,3%). Regride depois para se situar abaixo da *baseline* nos 31-40 anos (20,0%), o que contudo tem reduzido significado dado o incremento especial do erro estatístico nessa classe.
- Humanista, que regride da identificação por 47,2% dos alunos do 1º ano e 56,9% dos do 2º ano, para 43,9% dos inquiridos na *baseline*. Este papel continua a regredir ao longo da carreira, até aos 21-30 anos (42%-33,3%), apresentando no entanto uma ascensão de relevo nos 31-40 anos (80,0%), ascensão de novo, cuja importância deve ser desvalorizada devido à muito reduzida dimensão amostral.
- Educador, que regride da identificação por 39,6% dos alunos do 1º ano e 39,2% dos do 2º ano, para 31,7% dos inquiridos na *baseline*. O conceito apresenta ainda uma regressão ao longo da carreira, até aos 16-20 anos (19,0%), situando-se a sua importância ao nível da *baseline* entre os 21-40 anos (26,2%-30,0%).
- Cuidador, que regride da identificação por 26,4% dos alunos do 1º ano e 18,2% dos do 2º ano, para 13% dos inquiridos na *baseline*. O conceito apresenta ainda uma regressão ao longo da carreira, até aos 21-30 anos (2,4%) mostrando-se extremamente regular na recusa progressiva dele feita ao longo da carreira.
- Coordenador, que regride da identificação por 29,9% dos alunos do 1º ano e 19,9% dos do 2º ano, para 19,5% dos inquiridos na *baseline*. Este papel assume-se no entanto como de aquisição na fase profissional, ascendendo de 28,0% no início de carreira para 40,0% nos 31-40 anos.

	ANOVA				Post-Hoc	
	F	g.l.	p	Sig.	Grupos	Bonferroni
Eixo Técnico-Científico	1,068	10	0,384	n.s.		
Eixo Político-Administrativo	1,383	10	0,182	n.s.		
Eixo Dinamizador	2,503	10	0,006	**	2º ano – BASELINE	0,005
Eixo Cuidador	1,099	10	0,359	n.s.		

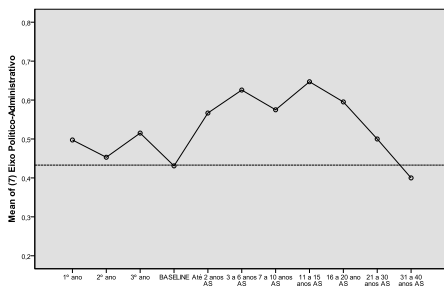
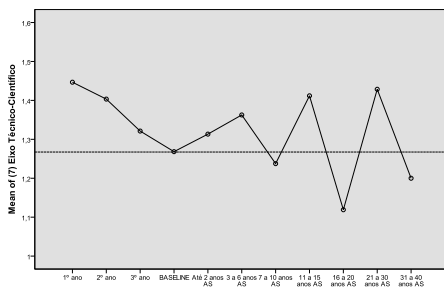
n.s. - Não se verificam diferenças significativas ($\alpha=0,05$)

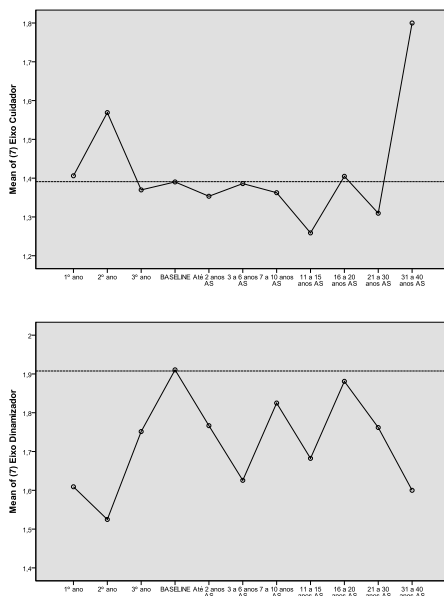
* - Verificam diferenças significativas a um nível de significância de $\alpha=0,05$

** - Verificam diferenças significativas a um nível de significância de $\alpha=0,01$

Quadro 5. Comparação de médias entre os grupos (EU).

Verificam-se diferenças significativas entre os grupos ao nível do Eixo Dinamizador (ANOVA; $F=2,503$; $g.l.=10$; $p=0,006$). No final do período pré-profissional (*baseline*) os inquiridos tendem a ter uma identidade onde os papéis do eixo dinamizador (média=1,91) têm uma importância significativamente superior ao 2º ano da faculdade (média=1,52) (Bonferroni=0,005).





Gráficos 3 a 6: Evolução da posição nos eixos face à *baseline* (EU).

Não se verificam diferenças significativas entre grupos, ao nível do Eixo Técnico-Científico (ANOVA; $F=1,068$; $g.l.=10$; $p=0,384$), do Eixo Político-Administrativo (ANOVA; $F=1,383$; $g.l.=10$; $p=0,182$) e do Eixo Cuidador (ANOVA; $F=1,099$; $g.l.=10$; $p=0,359$).

3.2. Nós: valores e capacidades nucleares da profissão

No que se refere aos princípios nucleares da profissão, verifica-se um processo de aquisição no período de formação pré-profissional, relativamente a 5 valores (Gráfico 7):

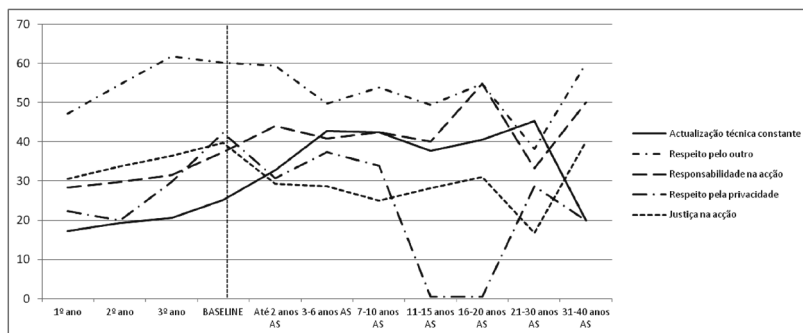


Gráfico 7. Aquisições identitárias da fase pré-profissional (NÓS - Valores).

- Respeito pelo outro, que ascende da identificação por 47,2% dos alunos do 1º ano e 54,7% dos do 2º ano, para 60,2% dos inquiridos na *baseline*;
- Atualização técnica constante, que ascende da identificação por 17,3% dos alunos do 1º ano e 19,3% dos do 2º ano, para 25,2% dos inquiridos na *baseline*;
- Respeito pela privacidade, que ascende da identificação por 22,3% dos alunos do 1º ano e 19,9% dos do 2º ano, para 42,3% dos inquiridos na *baseline*;
- Justiça na Ação que ascende da identificação por 30,5% dos alunos do 1º ano e 33,7% dos do 2º ano, para 39,8% dos inquiridos na *baseline*;
- Responsabilidade na Ação, que ascende da identificação por 28,4% dos alunos do 1º ano e 29,8% dos do 2º ano, para 37,4% dos inquiridos na *baseline*.

Considerando a prevalência da importância destes valores ao longo do exercício da profissão e carreira de Assistente Social, incluem-se no núcleo duro os papéis de:

- Responsabilidade na Ação, cuja importância ascende até aos 16-20 anos de carreira (54,8%), decrescendo nos 21-30 anos (33,3%) mas revalorizando-se aos 31-40 anos (50,0%)
- Atualização Técnica Constante, cuja importância ascende até aos 21-30 anos de carreira (45,2%), decrescendo para menos de metade e abaixo da *baseline* aos 31-40 anos (20,0%).

Não se incluem no núcleo duro:

- o Respeito pelo Outro, na medida em que revela um retrocesso de importância entre o início e os 21-30 anos de carreira (59,3%-38,1%), só ascendendo para uma importância similar à da *baseline* nos 31-40 anos (60%);
- o Respeito pela Privacidade, na medida em que revela um retrocesso de importância entre o início e os 31-40 anos de carreira (30,7%-20,0%), mas revelando uma importância similar à da *baseline* entre os 11-15 anos e os 16-20 anos (44,7%-40,5%);
- a Justiça na Ação, na medida em que revela um retrocesso de importância entre o início e os 21-30 anos de carreira (29,3%-16,7%), só revelando uma importância similar à da *baseline* aos 31-40 anos (40,0%);

Relativamente a retrocessos identitários na interpretação dos princípios nucleares da profissão (Gráfico 8), por efeito da formação pré-profissional, verifica-se a atenuação da importância de 5 valores:

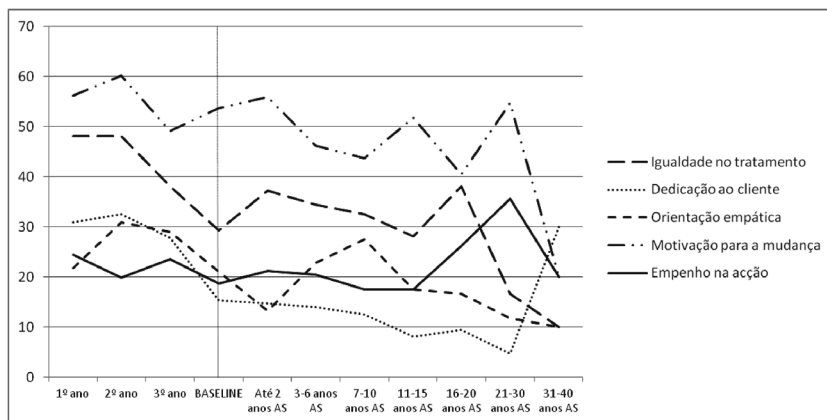


Gráfico 8. Retrocessos identitários da fase pré-profissional (NÓS - Valores).

- Igualdade no Tratamento, que regride da identificação por 48,2% dos alunos do 1º ano e 48,1% dos do 2º ano, para 29,3% dos inquiridos na *baseline*. Este valor assume-se no entanto como de aquisição na fase profissional, ascendendo de 37,3% no início de carreira para 38,1% nos 16-20 anos, regredindo no entanto para uma importância abaixo da *baseline* dos 21-40 anos (16,7%-10%);
- Dedicação ao Cliente, que regride da identificação por 31% dos alunos do 1º ano e 32,6% dos do 2º ano, para 15,4% dos inquiridos na *baseline*. Este valor continua a regredir ao longo da carreira, até aos 21-30 anos (14,7%-4,8%), apresentando no entanto uma ascensão de nota nos 31-40 anos (30%);
- Orientação Empática, que regride da identificação por 21,8% dos alunos do 1º ano e 30,9% dos do 2º ano, para 15,4% dos inquiridos na *baseline*. O valor apresenta uma regressão ao longo da carreira, até aos 31-40 anos (10%), situando-se a sua importância ao nível da *baseline* entre os 3-10 anos (22,8%-27,5%).

ANOVA					Post-Hoc	
Eixo ^s	F	g.l.	p	Sig.	Grupos	Bonferroni p
Eixo Relação Cliente	10,532	10	0,000	**	BASELINE - 1º ano	
					- 2º ano	
					Até 2 anos AS - 1º ano	0,000
					- 2º ano	0,001
					- 3º ano	0,000
					3 a 6 anos AS - 1º ano	0,001
					- 2º ano	0,000
					- 3º ano	0,000
					11 a 15 anos AS - 1º ano	0,010
					- 2º ano	0,000
					- 3º ano	0,001
					16 a 20 anos AS - 1º ano	0,005
					- 2º ano	0,000
					- 3º ano	0,001
21 a 30 anos AS - 1º ano	0,003					
- 2º ano						
- 3º ano						
Eixo Princípios	1,592	10	0,103	n.s.	---	---
Eixo Funcional	4,529	10	0,000	**	3 a 6 anos AS - 1º ano	0,018
					- 2º ano	0,002
					- 3º ano	0,018
					7 a 10 anos AS - 2º ano	0,016
					11 a 15 anos AS - 2º ano	0,012
Eixo Orientação	1,244	10	0,258	n.s.	---	---

n.s. - Não se verificam diferenças significativas a um nível de significância de $\alpha=0,05$

* - Verificam diferenças significativas a um nível de significância de $\alpha=0,05$

** - Verificam diferenças significativas a um nível de significância de $\alpha=0,01$

Quadro 6. Comparação de médias entre os grupos (NÓS - Valores).

- **Motivação para a Mudança**, que regride da identificação por 56,3% dos alunos do 1º ano e 60,2% dos do 2º ano, para 53,7% dos inquiridos na *baseline*. Após os 2 anos de profissão o valor continua a apresentar uma regressão ao longo da carreira (46,2%-20%%).

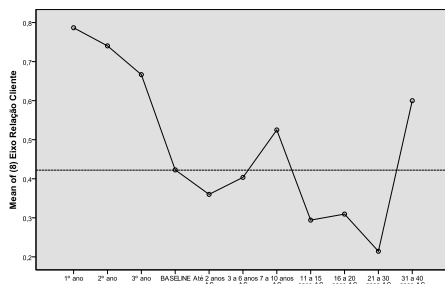
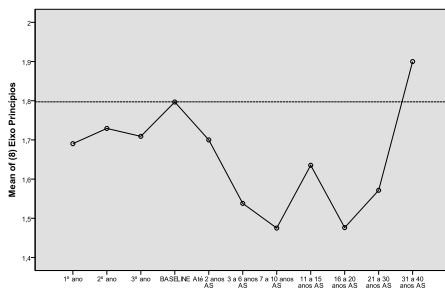
- **Empenho na Ação**, que regride da identificação por 24,4% dos alunos do 1º ano e 19,9% dos do 2º ano, para 18,7% dos inquiridos na *baseline*. Este valor apresenta uma manutenção ao longo da carreira profissional, até aos 7-15 anos e nos 31-40 anos, ascendendo a sua importância acima da *baseline*, entre os 16-31 anos (26,2%-35,7%).

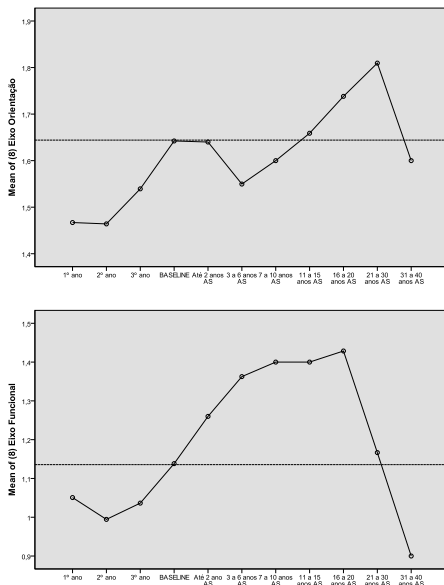
Não se verificam diferenças significativas entre os grupos ao nível do Eixo Princípios (ANOVA; $F=1,592$; g.l.=10; $p=0,103$) e do Eixo Orientação (ANOVA; $F=1,244$; g.l.=10; $p=0,258$).

Verificam-se diferenças significativas entre os grupos ao nível do:

- **Eixo Relação-Cliente** (ANOVA; $F=10,532$; g.l.=10; $p=0,000$) a um nível de significância de 0,01. Nos 1º e 2º anos da faculdade, os inquiridos tendem a identificar-se com mais valores do Eixo Relação-Cliente que no final do período pré-profissional. Nos 1º, 2º e 3º ano da faculdade, os inquiridos tendem a identificar-se com mais valores do Eixo Relação-Cliente que entre o início e 6 anos de carreira e entre os 11 e os 30 anos de carreira;

- **Eixo Funcional** (ANOVA; $F=4,529$; g.l.=10; $p=0,000$) a um nível de significância de 0,01. Verifica-se uma menor tendência para identificação com valores do Eixo Funcional nos 1º, 2º e 3º ano da faculdade, que entre os 3 e os 6 anos de carreira. Verifica-se uma menor tendência para identificação com valores do Eixo Funcional no 2º ano da faculdade, que entre os 7 e os 15 anos de carreira.





Gráficos 9 a 12: Evolução da posição nos eixos face à *baseline* (NÓS - Valores).

No que se refere às capacidades nucleares da profissão, verifica-se um processo de aquisição no período de formação pré-profissional, relativamente a 4 capacidades (Gráfico 13):

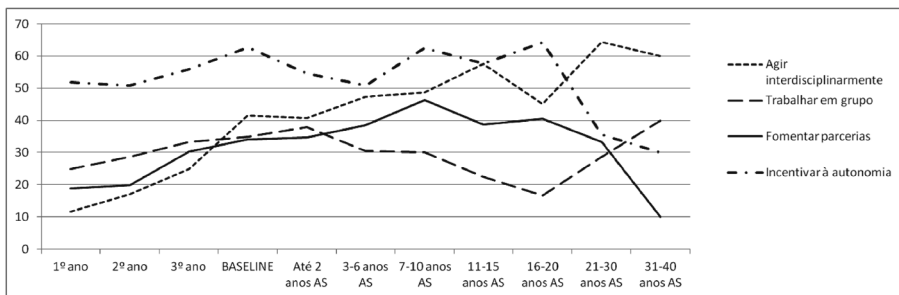


Gráfico 13. Aquisições identitárias da fase pré-profissional (NÓS - Capacidades).

- Incentivar a Autonomia, que ascende da identificação por 51,8% dos alunos do 1º ano e 50,8% dos do 2º ano, para 62,6% dos inquiridos na *baseline*;
- Agir Interdisciplinarmente, que ascende da identificação por 11,7% dos alunos do 1º ano e 17,1% dos do 2º ano, para 41,5% dos inquiridos na *baseline*;
- Trabalhar em Grupo, que ascende da identificação por 24,9% dos alunos do 1º ano e 28,7% dos do 2º ano, para 41,5% dos inquiridos na *baseline*;
- Fomentar Parcerias, que ascende da identificação por 18,8% dos alunos do 1º ano e 19,9% dos do 2º ano, para 34,1% dos inquiridos na *baseline*;

Considerando a prevalência da importância destas capacidades ao longo do exercício da profissão e carreira de Assistente Social, incluem-se no núcleo duro somente os papéis de:

- Agir Interdisciplinarmente, cuja importância ascende até aos 31-40 anos de carreira (40,7%-60,0%)
- Fomentar Parcerias, cuja importância ascende até aos 16-20 anos de carreira (40,5%), decrescendo para o nível da *baseline* aos 21-30 anos (33,3%) e ficando abaixo aos 31-40 anos (10%);
- Agir Interdisciplinarmente, cuja manutenção de importância verifica-se entre os 7-10 anos e os 16-20 anos 31-40 anos de carreira (62,5%-64,3%), se bem que decresça abaixo da *baseline* entre o início de carreira e os 3-6 anos (54,7%-50,9%) e os 21-30 anos e os 31-40 anos (35,7%-30,0%).

Não se inclui no núcleo duro o Fomentar Parcerias, na medida em que revela um retrocesso de importância entre os 3-6 anos e os 21-30 anos (30,4%-28,6%), apresentando-se ao nível da *baseline* somente antes dos 2 anos (38%) e dos 31-40 anos (40,0%).

Relativamente à evolução da importância dos presentes capacidades ao longo da carreira, a leitura do Gráfico 13, realça que os 21-30 anos de carreira são um ponto de inversão de importância para as capacidades de Incentivar a Autonomia e Fomentar Parcerias, que descem respetivamente de 64,3% para 30% e de 40,5% para 10% aos 31-40 anos de carreira.

Relativamente a retrocessos identitários na interpretação das capacidades nucleares da profissão (Gráfico 14), por efeito da formação pré-profissional, verifica-se a atenuação da importância de 5 capacidades:

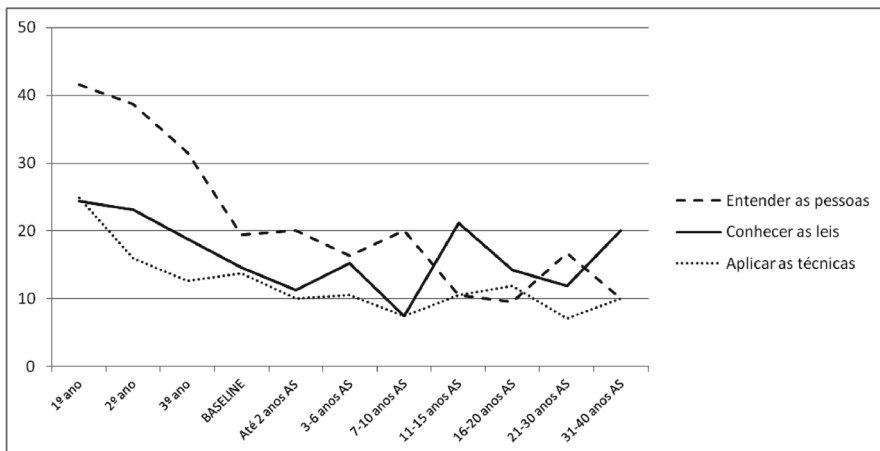


Gráfico 14. Retrocessos identitários da fase pré-profissional (NÓS - Capacidades).

- Entender as Pessoas, que regride da identificação por 41,6% dos alunos do 1º ano e 38,7% dos do 2º ano, para 19,5% dos inquiridos na *baseline*.

Esta capacidade regride ainda ao longo da carreira, a partir dos 3-6 anos (16,4%-10%);

- Conhecer as Leis, que regride da identificação por 24,4% dos alunos do 1º ano e 23,2% dos do 2º ano, para 14,6% dos inquiridos na *baseline*. Esta capacidade revela-se como de manutenção na fase profissional, apresentando-se no entanto relativamente acima da *baseline* aos 11-15 anos (21,2) e 31-40 anos (20%);
- Aplicar as Técnicas, que regride da identificação por 24,9% dos alunos do 1º ano e 16% dos do 2º ano, para 13,8% dos inquiridos na *baseline*. Esta capacidade apresenta-se como de manutenção ao longo da carreira.

Eixos	ANOVA				Post-Hoc	
	F	g.l.	p	Sig.	Grupos	Bonferroni P
Eixo Formação	2,144	10	0,019	*	---	---
Eixo Relação	0,695	10	0,729	n.s.	---	---
Eixo Instrução	2,121	10	0,020	*	7-10 anos AS – 1º ano	0,036
					BASELINE – 1º ano	
					-2 anos AS – 1º ano	0,012
					- 2º ano	0,000
					3-6 anos AS – 1º ano	0,005
					- 2º ano	0,000
Eixo Ação	5,882	10	0,000	**	7-10 anos AS – 1º ano	0,004
					- 2º ano	0,000
					11-15 anos AS – 1º ano	0,008
					- 2º ano	0,002
					21-30 anos AS – 1º ano	0,029
					- 2º ano	0,004

--	--	--	--	--	--	--

n.s. - Não se verificam diferenças significativas a um nível de significância de $\alpha=0,05$

* - Verificam diferenças significativas a um nível de significância de $\alpha=0,05$

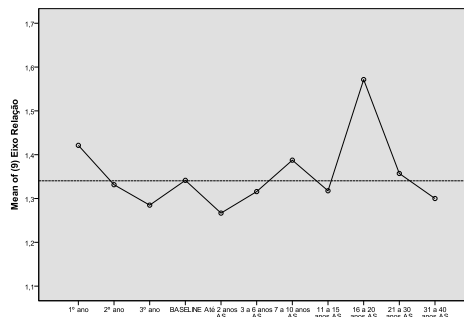
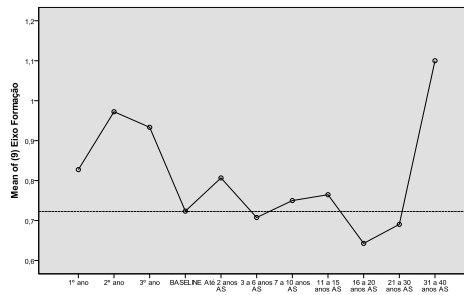
** - Verificam diferenças significativas a um nível de significância de $\alpha=0,01$

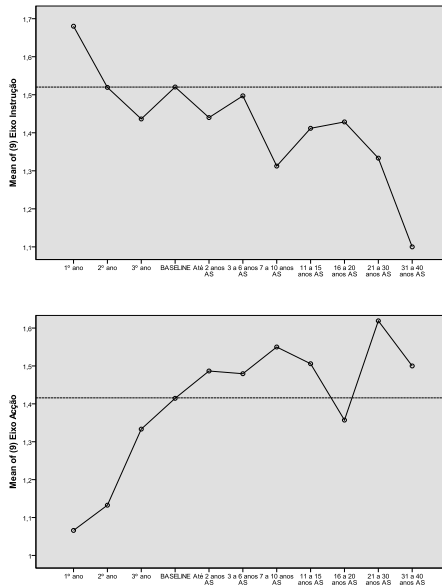
Quadro 7. Comparação de médias entre os grupos (NÓS - Capacidades).

Verificam-se diferenças significativas entre os grupos ao nível do:

- Eixo Instrução (ANOVA; $F=2,121$; g.l.=10; $p=0,020$) a um nível de significância de 0,05. No 1º ano da faculdade, os inquiridos tendem a identificar-se com mais capacidades do Eixo Instrução que entre os 7 e 10 anos de carreira;
- Eixo Formação (ANOVA; $F=2,144$; g.l.=10; $p=0,019$) a um nível de significância de 0,05. Apesar da presente significância, não são identificadas diferenças entre os grupos (Bonferroni);
- Eixo Ação (ANOVA; $F=5,882$; g.l.=10; $p=0,000$) a um nível de significância de 0,01. No 1º ano, verifica-se uma tendência para uma menor identificação com capacidades do Eixo Ação, do que no fim da formação pré-profissional (*baseline*) e do percurso profissional até aos 15 anos de carreira e entre os 21 e 30 anos de profissão. Verifica-se uma menor tendência para identificação com capacidades do Eixo Ação no 2º ano, do que no percurso profissional até aos 15 anos de carreira.

Não se verificam diferenças significativas entre os grupos ao nível do Eixo Relação (ANOVA; $F=0,695$; g.l.=10; $p=0,729$).





Gráficos 15 a 18: Evolução da posição nos eixos face à *baseline* (NÓS - Capacidades).

3.3. Eles: identidade atribuída ao cliente

No que se refere à imagem detida acerca dos clientes, verifica-se um processo de aquisição no período de formação pré-profissional, relativamente a 4 conceitos (Gráfico 19):

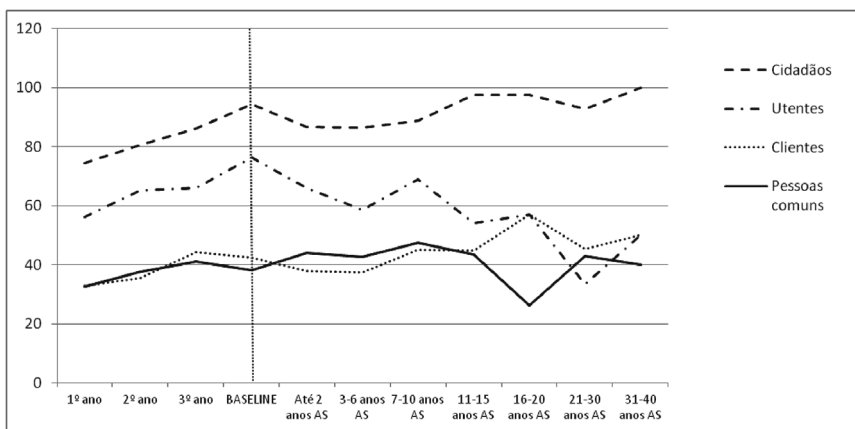


Gráfico 19. Aquisições identitárias da fase pré-profissional (ELES).

- Cidadãos, que ascende da identificação por 74,6% dos alunos do 1º ano e 80,7% dos do 2º ano, para 94,3% dos inquiridos na *baseline*;
- Utentes, que ascende da identificação por 56,3% dos alunos do 1º ano e 65,2% dos do 2º ano, para 76,4% dos inquiridos na *baseline*;
- Clientes, que ascende da identificação por 33% dos alunos do 1º ano e 35,4% dos do 2º ano, para 42,3% dos inquiridos na *baseline* ;
- Pessoas comuns, que ascende da identificação por 32,5% dos alunos do 1º ano e 37,6% dos do 2º ano, para 38,2% dos inquiridos na *baseline*.

Considerando a prevalência da importância destes conceitos ao longo do exercício da profissão e carreira de Assistente Social, incluem-se no núcleo duro somente os conceitos de:

- Cidadãos, cuja importância mantém-se até aos 7-10 anos de carreira (86,7%-88,8%), ascendendo depois até aos 31-40 anos (97,6%-100,0%);
- Clientes, cuja importância mantém-se até aos 11-15 anos de carreira (38,0%-44,0%), ascendendo acima da *baseline* após os 16-20 anos (57,1%-50,0%);
- Pessoas comuns, cuja importância ascende até aos 11-15 anos (44%-43,5%), desde abruptamente aos 16-20 anos (26,2%) e ascende depois para o nível da *baseline* entre os 21-40 anos (42,9%-40,0%).

Não se inclui no núcleo duro o conceito de Utentes, na medida em que revela um retrocesso de importância entre o início de carreira e os 31-40 anos (66,0%-50,0%), regressão essa mais significativa até se considerarmos este grupo derradeiro.

Relativamente a retrocessos identitários na imagem detida acerca dos clientes (Gráfico 20), por efeito da formação pré-profissional, verifica-se a atenuação da importância de 3 conceitos:

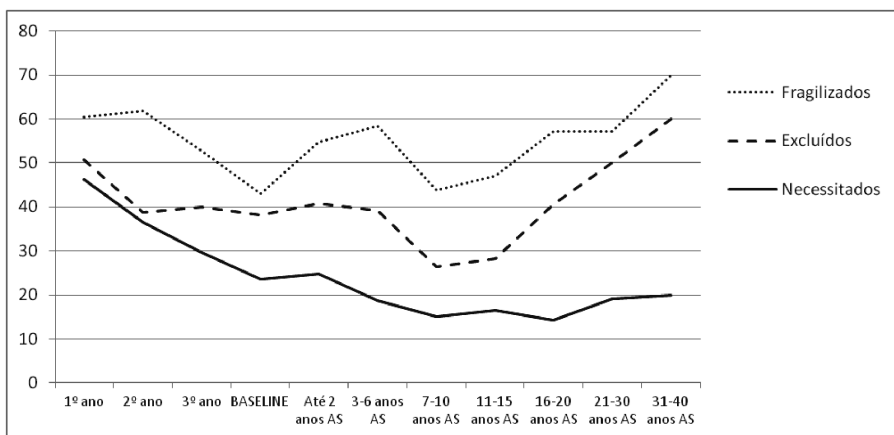


Gráfico 20. Retrocessos identitários da fase pré-profissional (ELES).

- Fragilizados, que regride da identificação por 60,4% dos alunos do 1º ano e 61,9% dos do 2º ano, para 43,1% dos inquiridos na *baseline*. O conceito de fragilizado assume-se no entanto como de aquisição na fase profissional, ascendendo de 54,7% no início de carreira para 70% nos 31-40 anos;
- Excluídos, que regride da identificação por 50,8% dos alunos do 1º ano e 38,7% dos do 2º ano, para 38,2% dos inquiridos na *baseline* apresentando uma manutenção do início de carreira até aos 3-6 anos (40,7%-39,2%), a sua importância regride entre os 7-15 anos (26,3%-28,2%) e ascende acima da *baseline* entre os 16-40 anos (40,5%-60%);
- Necessitados, que regride da identificação por 46,2% dos alunos do 1º ano e 36,5% dos do 2º ano, para 23,6% dos inquiridos na *baseline*. O conceito apresenta ainda uma regressão ao longo da carreira, até aos 16-20 anos (24,7%-14,3%), situando-se a sua importância ao nível da base line entre os 21-40 anos (19%-20%).

Verificam-se diferenças significativas entre os grupos ao nível dos Eixos:

- Eixo Administrativo-Funcional (ANOVA; $F=4,959$; g.l.=10; $p=0,000$) a um nível de significância de 0,01. No 1º ano da faculdade, verifica-se uma menor tendência para identificar os destinatários do ponto de vista administrativo-funcional, que no final do período de formação pré-profissional e ao longo do percurso profissional, até aos 20 anos de carreira.
- Eixo Emocional-Pessoal (ANOVA; $F=4,081$; g.l.=10; $p=0,000$) a um nível de significância de 0,01; No 1º ano da faculdade, verifica-se uma menor tendência para identificar os destinatários do ponto de vista emocional-pessoal, que entre os 3 e os 15 anos de carreira. No 2º ano da faculdade, verifica-se uma menor tendência para identificar os destinatários do ponto de vista emocional-pessoal, que entre os 11 e os 15 anos de carreira.

Eixo ^s	ANOVA				Post-Hoc	
	F	g.l.	p	Sig.	Grupos	Bonferroni
Eixo Administrativo-Funcional	4,959	10	0,000	**	BASELINE – 1º ano	
					-2 anos AS - 1º ano	
					3-6 anos AS - 1º ano	0,000
					7-10 anos AS - 1º ano	0,005
					11-15 anos AS - 1º ano	0,006
					16-20 anos AS - 1º ano	0,031
					BASELINE – 1º ano	
Eixo Emocional-Pessoal	4,081	10	0,000	**	3-6 anos AS - 1º ano	0,032
					7-10 anos AS - 1º ano	0,050
					11-15 anos AS - 1º ano	0,011
					16-20 anos AS - 1º ano	0,001
					BASELINE – 1º ano	0,011
Eixo Integrados	1,320	10	0,214	n.s.	---	---
Eixo Excluídos	13,528	10	0,000	**	BASELINE – 1º ano	
					-2º ano	
					-2 anos AS - 1º ano	0,000
					-2º ano	0,015
					3-6 anos AS - 1º ano	0,000
					-2º ano	0,021
					7-10 anos AS - 1º ano	0,000
					-2º ano	0,000
					-2º ano	0,000
					-3º ano	0,000
					11-15 anos AS - 1º ano	0,006
					-2º ano	0,000
					-3º ano	0,048
					16-20 anos AS - 1º ano	0,000
					-2º ano	0,018
21-30anos AS - 1º ano	0,002					

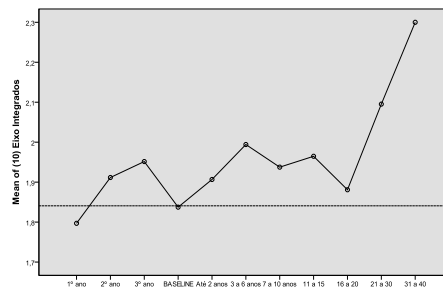
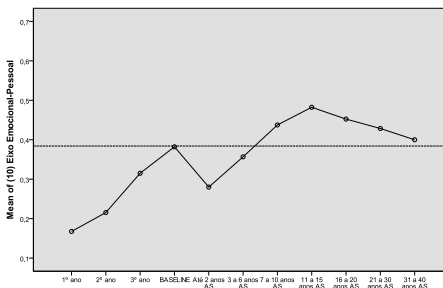
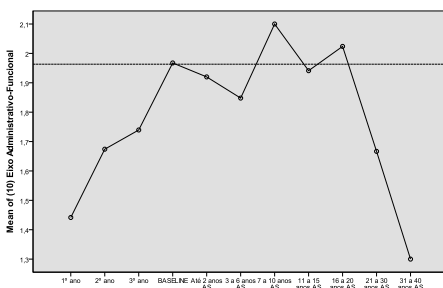
n.s. - Não se verificam diferenças significativas a um nível de significância de $\alpha=0,05$

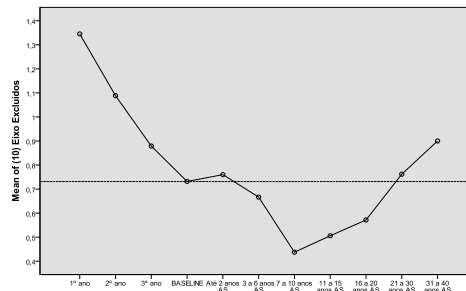
* - Verificam diferenças significativas a um nível de significância de $\alpha=0,05$

** - Verificam diferenças significativas a um nível de significância de $\alpha=0,01$

Quadro 8. Comparação de médias entre os grupos (ELES).

- Eixo Excluídos (ANOVA; $F=13,528$; $g.l.=10$; $p=0,000$) a um nível de significância de 0,01. No 1º ano da faculdade, verifica-se uma maior tendência para identificar os destinatários do ponto de vista de excluídos, do que entre o final do período de pré-profissionalização (*baseline*) e ao longo do percurso profissional, até aos 30 anos de carreira. No 2º ano da faculdade, verifica-se uma maior tendência para identificar os destinatários do ponto de vista de excluídos, do que entre o final do período de pré-profissionalização (*baseline*) e ao longo do percurso profissional, até aos 20 anos de carreira. No 3º ano da faculdade, verifica-se uma maior tendência para identificar os destinatários do ponto de vista de excluídos, do que entre os 7 e os 15 anos de carreira.





Gráficos 21 a 24: Evolução da posição nos eixos face à *baseline* (ELES).

3.4. Discussão das conclusões

No que respeita à identidade própria, integram o núcleo duro identitário dos Assistentes Sociais três papéis: o de Dinamizador, o de Empreendedor e o de Facilitador, sendo estatisticamente significativos os ganhos que ocorrem ao nível do eixo dinamizador quando se compara o 2º ano de formação e a *baseline*. Há dois papéis cuja recusa se incrementa de modo cada vez mais veemente ao longo do ciclo de vida identitário: o de humanista e o de cuidador, claramente ligados aliás, note-se, aos perfis do Serviço Social pré-moderno. Os eixos analíticos desenhados mostram evoluções contraditórias muito significativas ao longo do ciclo de vida identitário profissional.

O “nós” foi avaliado através do pedido de identificação dos valores e capacidades mais importantes para o trabalho de um assistente social. Quanto aos valores integram o núcleo duro identitário a Responsabilidade na Ação e a Atualização Técnica Constante, que ganham relevância num caminho que vai tendendo a fazer revelar perdas no eixo relação-cliente que são essencialmente compensadas por aquisições no eixo funcional. A conclusão por este sentido compensatório é aliás reforçada quando olhamos para as perdas mais significativas e regulares pós-*baseline*: as que ocorrem em Dedicção ao Cliente e em Orientação Empática.

Quanto às capacidades nucleares do Assistente Social, destacam-se duas características que integram o núcleo duro: o Agir Interdisciplinarmente e o Fomentar Parcerias. Ao longo do ciclo de vida identitário ocorre também aqui uma substituição essencial: perda progressiva da identificação com capacidades do eixo instrução à medida que se incrementa a identificação com capacidades do eixo ação. Quanto às regressões mais significativas merece destaque uma: ocorre a perda progressiva da importância associada à capacidade de Entender as Pessoas.

Quanto ao “eles”, nomeadamente ao destinatário dos Serviços do Assistente Social nota-se a predominância, com entrada no núcleo duro identitário os perfis de Cidadão, Cliente e Pessoa Comum. É forte a tendência de substituição do eixo excluídos pelo eixo integrados, sendo especialmente forte essa aquisição na fase

pré-profissional. Não é contudo verdade que essa linha perpassa a totalidade dos grupos de antiguidade profissionais, pois ocorre uma inversão genérica dos padrões entre os Assistentes Sociais mais antigos, o que pode ser mais efeito geracional do que resultado, em absoluto, de maior número de anos de experiência.

Os resultados mostram serem consideráveis os níveis de retrocesso identitário profissional, isto é, que há uma renegociação relevante das aquisições identitárias consolidadas ao longo da fase pré-profissional, ainda que indiquem ao mesmo tempo que existe um grupo nuclear de aquisições que tendem à prevalência e que podem identificar-se como um núcleo duro identitário.

Resultados como aqueles que alcançámos validam claramente quer o interesse da exploração identitária microssociológica e macrosociológica, pois se é certo que o padrão existe e um núcleo identitário claramente delimitado e persistente existe de facto, também é certo que a análise agregada condizida ao nível do grupo não explica a elevada variação individual e a aparente existência de padronização ao nível de diversos traços, perfis e atributos.

REFERÊNCIAS

- ABBOTT, Andrew (1988) – *The System of Professions: an Essay on the Division of Expert Labor*. Chicago: University of Chicago Press.
- AMARO, Maria Inês (2009) – *Identities, Uncertainties and Tasks of the Social Service Contemporary*. Locus Soci@l. [Em linha]. Lisboa. ISSS 1647-1431. 2 (2009) 29-46. [Consult. 11 Nov. 2011]. Disponível em WWW:<URL: [http:// www.locussocial.cesss-ucp.com.pt/page6/files/artigo-007c-paper-amaro_ls_00232.pdf](http://www.locussocial.cesss-ucp.com.pt/page6/files/artigo-007c-paper-amaro_ls_00232.pdf) >.
- BRANCO, Francisco (2009) – *Assistentes Sociais e Profissões Sociais em Portugal: Notas sobre um Itinerário de Pesquisa*. Locus Soci@l. [Em linha]. Lisboa. ISSS 1647-1431. 2 (2009) 7-20. [Consult. 11 Nov. 2011]. Disponível em WWW:<URL: http://locussocial.cesss-ucp.com.pt/page6/files/artigo-007c-paper-branco_ls00232.pdf >.
- BRANCO, Francisco e Ernesto Fernandes (2005) – *O Serviço Social em Portugal: Trajectória e Encruzilhada*. [Em linha] Lisboa. [Tradução: Michel Binet]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.cpihts.com/Nova%20pasta/SS%20Portugal.pdf>>. Originalmente publicado em Branco, Francisco e Ernesto Fernandes – *Le service social au Portugal: trajectoire et enjeux*. in Jean-Pierre Deslauriers e Yves Hurtubise (dir.) *Le travail social international. Éléments de Comparaison*. Sainte-Foy: Les Presses de l' Université Laval. 165-186.
- DUBAR, Claude (1992) – *La Socialisation: Construction des Identités Sociales et Professionnelles*. Paris: Armand Colin.
- DUBAR, Claude (1992) – *Formes identitaires et socialisation professionnelle*. *Revue française de sociologie*. [Em linha]. Paris. ISSN 0035-2969. 33-4. (1992) 505-529. [Consult. 15 Nov. 2011]. Disponível em WWW:<URL: [http:// www](http://www).

- jstor.org/pss/3322224>.
- DUBAR, Claude (1998) – *Trajectoires Sociales et Formes Identitaires: Clarifications Conceptuelles et Methodologiques*. Sociétés Contemporaines. [Em linha]. Paris. ISSN 1950-6899. 29. (1998) 73-85. [Consult. 15 Nov. 2011]. Disponível em WWW:<URL: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/socco_1150-1944_1998_num_29_1_1842>.
- DUBAR, Claude (2007) – Polyphonie et métamorphoses de la notion d'identité. *Revue Française des Affaires sociales*. [Em linha]. Paris. ISSN 0035-2985. 2 (2007). 9-25. [Consult. 17 Set. 2011]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.cairn.info/revue-francaise-des-affaires-sociales-2007-2-page-9.htm>>.
- FRAYSSE, Bernard (2000) – La saisie des représentations pour comprendre la construction des identités. *Revue des sciences de l'éducation*. [Em linha]. Montréal. ISSN 1705-0065. 26-3 (2000). 651-676. [Consult. 7 Out. 2011]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.erudit.org/revue/rse/2000/v26/n3/000294ar.pdf>>.
- FREIDSON, Eliot (1986) – *Professional Powers: A Study of the Institutionalization of Formal Knowledge*. Chicago. University of Chicago Press.
- FRIEDMANN, Georges e Pierre Naville (eds.) (1961-2) – *Traité de sociologie du travail*. Paris: Armand Colin. Tomo I – 1961, Tomo 2 – 1962.
- GAULEJAC, Vincent de (2002) – Sociologues en Quête d'Identité. *Cahiers internationaux de sociologie*. [Em linha]. Paris. ISSN 0008-0276. 111 (2001/2). 355-362. [Consult. 23 Set. 2011]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.cairn.info/revue-cahiers-internationaux-de-sociologie-2001-2-page-355.htm>>.
- LARSON, Magali Sarfatti (1977) – *The Rise of Professionalism: A Sociological Analysis*. Berkely: University of California Press.
- MARGARIDO, Cristóvão e Ricardo Vieira (2007) – Trajectórias Pessoais e Identidade(s) Profissionais: o caso dos Assistentes Sociais. *Actas do III Congresso Internacional da Agir – Associação para a Investigação e Desenvolvimento Sócio-cultural*. [Em linha]. Cabeceiras de Basto. 13 e 14 de Julho de 2007. 91-104. [Consult. 10 Nov. 2011]. Disponível em WWW:<URL: <http://ciid.ipleiria.pt/wp-content/uploads/2008/10/cm.pdf>>.
- PASSARINHO, Isabel (2008) – Assistente Social – Percursos e Construção Identitária. *Sísifo. Revista de Ciências da Educação*. [Em linha]. Lisboa. ISSN 1646-4990. 6 (2008) 21-34. [Consult. 10 Nov. 2011]. Disponível em WWW:<URL: <http://sisifo.fpce.ul.pt/?r=17&p=21>>.
- PASSARINHO, Isabel (2009) – A importância dos percursos profissionais na formação contínua e nas construções identitárias dos assistentes sociais. *Intervenção Social*. Lisboa. ISSN 0874-1611. 35 (2009) 368-388.
- SILVA, Ana Maria Costa e (2004) – Percursos de Formação e Identidade(s): Um Estudo junto de Assistentes Sociais. *Actas do VI Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia*. [Em linha]. Braga. 573-574. [Consult. 12 Nov. 2011]. Disponível em WWW:<URL: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/572/1/MariaCostaSilva.pdf>>.

WELBOURNE, Penelope (2009) – Social Work: The Idea of a Profession and the Professional Project. *Locus Soci@l*. [Em linha]. Lisboa. ISSS 1647-1431. 3 (2009) 19-35. [Consult. 11 Nov. 2011]. Disponível em WWW:<URL: [http:// www.locussocial.cesss-ucp.com.pt/page7/files/artigo-007c-paper-welbourn_ls00233.pdf](http://www.locussocial.cesss-ucp.com.pt/page7/files/artigo-007c-paper-welbourn_ls00233.pdf)>.